This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

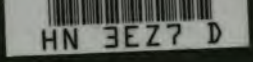
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

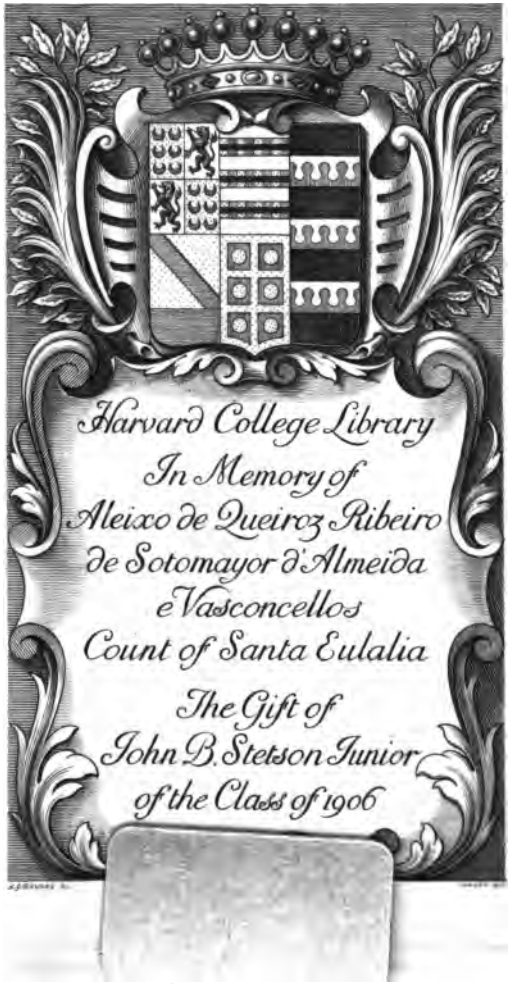
About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

KC
15622



~~39,86,75~~
KC 15622



120

AS ODES DE ANACREONTE DE TEOS PARAPHRASEADAS

POR

FRANCISCO MANOEL GOMES DA SILVEIRA MALHAÕ.

LISBOA

NA IMPRESSÃO REGIA.

ANNO M. DCCC. IV.

Por Ordem Superior.

KC 15622
Ga 39.86.75

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN R. STETSON, Jr.

MAY 28 1924

AOS LEITORES.

O Amor, que desde meus primeiros annos, adquiri ás Poesias de Anacreonte, fez-me então produzir algumas deste genero, e imitar as Odes, que mais me tocarão.

Entrei na empreza de o traduzir, não para os Doutos, que o conhecem, mas para o resto, a quem he desconhecido.

Metti as mãos á obra; mas logo me achei embaraçado, nas diversas intelligencias de seus mais famosos Traductores, dos quaes me servia, por não ter o preciso conhecimento da Linguagem Grega: por matar com tudo a fome que tinha, de que tambem houvesse entre nós este Poeta Feiticeiro, e de ir por este modo desafiar algum habil engenho, que consiga, o que eu pude sómente desejar, troquei o appetite da Traducção, que desejava dar-vos, no desta Paraphrase que vos apresento.

Ella concluio-se, e como tal a deveis olhar, debaixo deste meio termo; que eu conciliei as opiniões de muitos, guiado das vistas fundamentaes de Henrique Estevão, e de Mathias Andrê: não fui muito longe do que os mais dizem, e elle me confirmava, senão quando precisei afastar-me da Philosophia do Poeta Pagão, para não escandalizar ouvidos, instruídos nos sólidos principios, e fins, que elle desconheceu.

Serei contente de contentar-vos, e tambem de que este meu trabalho, seja o estimulo, que mova outro genio, e que se consiga, como póde ser, o que eu desejei, e não pude.

Valete.

A VIDA
DE
ANACREONTE.

ESte Poeta célebre nos seus dias, e de geral estimação em todas as Idades, teve o seu berço em Teos, Cidade da Jonia, que despois se chamou Susor, plantada na Costa meridional do Isthmo, fronteira a Clazomena Cidade da Azia Menor, tambem na Jonia, que hoje se chama Kelisman, e não em Theios, Cidade da Paphlagonia, segundo Estrabão. livr. 4.

He incerto o verdadeiro nome de seu Pay; huns como Suidas, seguem que se chamava Scytino: Outros Eumelo; alguns Parthenio, e não poucos, que o seu nome era Aristrocrito.

Sabe-se por huma passagem de Platão, que o Poeta era parente de Solon por seu Pai, quem quer que elle fosse, e por sua Mái de Pisistrato; argumen-

to de grande Pessoa, por ser por Solon do sangue de Codro, filho de Melantho, e ultimo Rey dos Athenienses, e da parentela de Pisistrato, não o que foi Rey dos Orchomenienses, mas sim, do que reinou em Athenas, com varia fortuna, e que deixou Real descendençia, em seus dois filhos Hippias, e Hipparco.

O tempo, em que floreceo, tem sido disputado: querem huns, segundo, Eusebio, que foi pelos annos de Cyro, Cambises, e Dario; e então vem a ser na LXII. Olimpiada, e corresponde a 532 antes da vinda de Christo; e outros, segundo Suidas, que foi na LII. Olimpiada, 572 antes da era Christã. He a terceira opinião, e a mais seguida, que foi Coevo de Solon, de Esopo, Cresso e Pisistrato, e por tanto floreceu no tempo de Polycrates 500 annos, anteriores ao nascimento do Salvador.

Este Polycrates, que reinou em Samos, fez huma grande estimação, e apreço da pessoa de Anacreonte, tendo-o do seu concelho, e admittindo-o nos prazeres, e privança, e enriquecendo-o com assos de sua generosidade.

Conta-se huma passagem, que mostra a amizade do Principe para com o Poeta, e o desinteresse do mesmo Poeta; de que são testemunho muitas de suas Odes, qual a Ode 15. 23, e outras.

Diz-se pois que este Soberano o brindára com avultada somma de dinheiro, segundo aquelles tempos; e que mettendo-o Anacreonte em casa, lhe dera tanto cuidado a sua guarda, que duas noites passára muito incommodado; pelo que no dia seguinte lhos entregára, dizendo-lhe, que não queria comsigo cousa, que lhe roubasse o seu descanço. Madama Dacier, e Mr. de La Fosse, tem isto por improprio, e o caracterizão de historieta.

Não foi só Polycrates o Principe que fez estimação deste Poeta. Hipparcho, filho de Pisistrato lhe enviou hum Navio de cincoenta remos, para nelle passar o mar Egeo, e communicallo na sua Corte de Athenas, isto com cartas muito obrigatorias, e encomios de seus talentos, e virtudes.

Da estimação, que delle fizerão estes dois Principes, e principalmente Hipparcho, tão grande Amigo dos doutos, que, além de Anacreonte, teve na sua

Corte, tambem ao Poeta Simonides, se collige, em primeiro lugar, que este grande homem não possuia sómente o dom da Poesia, mas tambem o conhecimento das outras Sciencias, e adorno das qualidades, que o constituirão digno do lado, e communicação dos Soberanos de seu tempo.

Isto mesmo se comprova, com a authoridade de Platão, que não duvidou dar-lhe o nome de Sabio; e em hum seu Dialogo, sobre a Temperança, honra sua pessoa, nome, e virtudes.

Em segundo lugar, que he falso o caracter, com que se tem afeado sua memoria, dando-lhe o attributo de debochado, e lascivo, sem mais apego, que ás Bacchanaes, e á soltura de Venus: porque Platão no sobredito Dialogo, introduzindo Socrates a fazer o elogio do mancebo Charmides diz „ Era justo „ Charmides, que até nisso fosses tam„ bem superior à todos os mancebos „ d'Athenas: pois aonde se acharão duas „ casas de alliança, das quaes se derive „ huma casta de homens, mais bella, e „ tão virtuosa? Por parte de vosso Pai, „ descendeis com Critias, da antiga fa„ milia de Dropidas, de Anacreonte, e

» e de Solon, que em todos os tempos
» se distinguirão, por sua galhardia,
» por suas virtudes, e por suas rique-
» zas; e da parte de vossa Mãi. &c.

Ser huma grande porção de suas Odes em louvor de Baccho, e dos effeitos diversos do licor de seu invento, quaes a 1. 13. 15. 17. e outras muitas, he argumento, mas não he prova, que o vinho fosse a sua paixão dominante: Hum homem pagão, e de humor tão alegre, e desempedido, como no-lo transmite a historia, e elle se retrata tantas vezes, e tão dado aos assumptos alegres, nas delicias da Corte, nos grandes banquetes, bem que de grandes Personagens, era impossivel que não adoptasse o genero da Poesia, propria destas situações; e conjunções! entre nós seguirão esta qualidade de Poemas, Garção, Diniz da Cruz e o Padre Soyé, e nem por isso, já mais disse alguem, que adoecessem de semelhante vicio.

Está tambem a favor destas conjecturas, que, compondo este Poeta, Poesias d'outros generos, de que sómente restão fragmentos, nellas não apparece a attribuida paixão pelos copos: donde se vê, que o defeito he mais da quali-

dade do genero, do que da paixão particular do seu Author: nem mesmo, que nos banquetes tivesse algum excesso, chegava á nota de nossos dias, porque a Religião de Anacreonte, como pagãa, e destituida das verdadeiras luzes, estribava a moral da sua felicidade nos prazeres da vida; e como não esperava recompença do bem, nem castigo do mal, tinha estes deleites por seu bem, e a morte por fim de tudo.

Diz-se que amára com extremo hum mancebo por nome Bathylo, e disto he testemunha o mesmo Anacreonte na Ode 9. em que lhe escreve; na 22. em que o convida a hum lugar delicioso; e na 29. aonde relata suas bellezas, e em allusão a esta amizade, he que Horacio cantou „ Epod. Ode 14. v. 9.

Non aliter Samio dicunt arsisse Bathyllo
Anacreonta Teium.

Isto porém não prova, que esta amizade fosse defeituosa; até hoje nenhum Escriptor fez mão caracter a Virgilio, e nem por isso deixou de mostrar-se muito affeiçoado á Alexis, e pela mesma expressão; na Ecc. 2. disse:

Termusum pastor Corydon ardebat Alexin.

Sobreveio-lhe a morte aos 85 annos de sua vida, passada nas estimações de seus Coevos, e nas delicias, e regalos do seu humor jovial, e da sua Philosophia: diz-se, que affogado com hum bago de uva, que não podera engolir; mas he natural, que fosse de alguma tosse que este lhe causasse, caindo-lhe no goto.

O merecimento de suas Poesias he indisputavel: hum Sabio de nossos dias, fazendo juizo sobre ellas, explica-se desta maneira.

„ He mais facil alcançar os vôos
„ remontados de Pindaro, copiar os
„ quadros magnificos de Homero, imitar
„ os sons tragicos de Sophocles, e d'Eu-
„ ripides, do que colher as graças sin-
„ gelas de Anacreonte, com a mesma
„ frescura com que nascêrão: a vivaci-
„ dade dos pensamentos, e das ima-
„ gens; a naturalidade dos sentimen-
„ tos; huma mollesa elegante, e vo-
„ luptuosa; huma negligencia amavel
„ e mais difficil de apanhar, do que
„ todos os ornamentos de engenho; a

„ ligeireza do pincel; a delicadeza dos
„ rasgos; a simplicidade do colorido; a
„ brevidade da dicção; a facilidade do
„ estilo, e a maneira graciosa de fal-
„ lar, que parece que o que diz, não
„ póde, nem deve dizer-se de outro mo-
„ do, tudo isto são bellezas nativas,
„ que mal se imitão fóra da lingua em
„ em que nascêrão.

Da doçura de seus versos, disse Escaligero, que os achava mais doces, do que as canas de assucar, que nascem na India; e da facilidade cantou Hor. no Epod. Ode 14. v. 11. e 12.

Qui persæpe cava testudine flevit amorem,
Non elaboratum ad pedem.

AS
ODES
DE ANACREONTE.
PARAPHRASEADAS.

ODE I.

A sua Lyra.

PRopuz-me a cantar na Lyra
Dos Atridas o louvor;
Quiz tecer os elogios
De Thebas ao Fundador
As cordas feridas,
Por mão superior,
Meu canto invertião,
Em cantos d'Amor.

*

Tirei-lhas todas, prendi-lhe
Outras de tempra melhor,
E dos Herculeos trabalhos
Começei a ser cantor;
A Lyra rebelde
A seu tangedor,
Trocava meu canto,
Em cantos á Amor.

*

Adeos Atridas valentes,
Adeos filho d'Agenor
Adeos Alcides, Heroes
Dignos de canto maior;
Não tendes em mim
O vosso cantor;
A lyra qu'eu pulso,
Nasceo par'Amor.

ODE II.

Ao poder da Formosura.

A O Toiro, ao Cavallo, ás aves,
Aos mudos peixes do mar,
Deo prudente a natureza
Com qu'a força repulsar.

*

Ao toiro, poz-lhe na fronte,
As pontas d'arremeter;
Ao cavallo deo nas patas
Com que fugir, e offender.

*

A's aves deo leves pennas,
Que fendem os densos ares,
Aos peixes as barbatanas,
Que rasgão os fundos mares.

*

Ao Leão sanhudo, e fero,
Além das garras valentes,
Deo-lhe boca larga, e funda,
Armada d'agúdos dentes.

*

Ao Homẽ, este ser dotado
De mais alta perfeição,
Deo-lhe madura prudencia,
Deo-lhe sagrada razão.

*

Por acaso das Mulheres
A Mãi commum s'esqueceo?
Esgotou os seus thesoiros!
E ao fragil sexo que deo?

*

Deo-lhe mais; deo-lhe a belleza,
Impenetravel escudo!
Arma por si mais valente,
Que ferro, que fogo, e tudo!

*

Porque o rosto feiticeiro,
D'huma galante mulher,
Abranda o peito mais duro,
Resiste ao maior poder.

ODE III.

O Amor perdido de noite.

AQui ha pouco, alta noite,
Quando toda a terra estava
Em hum silencio profundo,
E já Morpheo s'espalhava
Pelo froixo corpo meu,
Cupido, na minha porta,
A rijos golpes bateu.

*

Quem he lá? lhe perguntei:
Quem vem meu somno quebrar?
Abre, me diz: abre a porta;
Eu não sou de recear,
Vem que sou tenro menino,
Todo alagado, e co'as trevas
Perdi neste valle o tino.

*

Isto ouvindo enternecido.
Ergui-me, e luz accendi;
Abri a porta, e por ella
Entrar hum menino vi:
Era loiro, arco trazia,
Azas tinha, e eburnea aljava
Dos hombros nús lhe pendia.

*

Dei-lhe a mão, levei-o ao fogo;
As minhas logo aquentei,
E as alvas frigidas máos
Caridoso lhe esfreguei
E como molhado o vi,
A chuva de seus cabellos,
Para aquecer, lhe espremi.

*

Mal qu'elle enxuto se vio,
Me disse: vamos nós ver,
Se pode a chuva d'este arco
A rija corda offender?
Seu arco traça na mão,
Une as pontas, e me atira
Huma setta ao Coração.

*

Então salta, e diz-me rindo:
Congratula-te commigo
Oh bemfeitor! o meu arco
Não soffreo menor perigo:
O meu arco illeso está,
Mas teu pobre coração,
Que dores não sentirá!

ODE IV.

EM Leito de tenros mirtos,
E do loto verdejante,
Beberei gostoso as taças,
Desse licor espumante.

*

Desate Cupido a venda;
E a rubra capa traçando,
A deite ao hombro, e ligeiro
Vá-me os copos ministrando.

*

Se iguais á sombra que passa
Nos fogem os nossos dias,
E despois os duros ossos,
S'náode tornar cinzas frias.

*

Para qu'havemos andar,
N'huma continua amargura,
Se os folgazoens, e os tristes
Vão iguais á sepultura!

*

Náo he melhor, este espaço,
Medir, em folguedo bom;
Em companhia decente,
Cantando da Lyra ao som?

*

Se hade aos vivos esconder-me,
Para sempre a terra frit,
Quero folgar; náo he crime,
Huma innocente alegria.

ODE V.

A' Rosa.

Juntemos ao Bromio
A rosa engraçada,
A flor, aos amores,
E a Amor dedicada.
Co'a rosa fragrante
As frentes ornemos
Despois, entre os copos,
Alegres folguemos.

*

A rosa engraçada
He honra das flores,
D'Abril e de Maio
Empenho, e amores.
He mimo dos Deoses;
E o moço Cupido,
Seu loiro cabello
Traz d'ellas cingido,
Só dança co'as graças
No monte de Guido.

*

O' Baccho! de rosas
Me crôa e m'inspira;
Irá no teu templo,
Soar minha lyra!
E tendo enastrada
De rosas a frente,
A par da Belleza,
Meu bem e esperança,
Marcarei contente
Das Ninphas a dança.

ODE VI.

Ao mesmo motivo.

VAmos de rosas
A frente ornar;
Vamos beber,
Vamos dançar.

*

Guapa donzela,
Co'pé mais lindo,
Ao som da Lyra
O chão ferindo.

*

Menêa hum thryso,
Na mão formosa,
Todo enramado
D'hera viçosa.

*

Gentil mancebo
Ledo, e contente,
Com Cyprio aroma
Ungida a frente,

*

Move ligeiro
Alterna a planta,
E ao sôm das cordas,
Suave canta.

*

Cupido loiro,
Baccho prestante,
Venus que os risos
Traz no semblante.

*

Guião das festas
A divindade,
Prazer da fria,
E ardente idade;

ODE VII.

Vencimento de Amor.

SEm arco, aljava, nem settas,
Me assalta Amor de repente;
Co huma vara d'Hyacinto,
Na sua dextra sómente.

*

Soube o Deos, qu'eu blasonava,
De negar-lhe adoração;
Quiz, provando o seu poder,
Punir a minha izenção.

*

Vara tão curta, e tão debil,
Na máo Juvenil brandindo,
Decretou-me imperioso,
Lhe fosse os vôos seguindo.

*

Quiz, não pude resistir-lhe;
E forcejando meus passos,
Fui por valles, fui por montes,
Em continuos embaraços.

*

Fui por bosques condensados,
Thé qu'em montes penhascosos,
M'achei d'hum hydra mordido,
Pelos dentes venenosos.

*

Subitamente a minha alma
Senti meus labios tocando,
E quasi, quasi, que a vi
Dentr'elles ir-se escapando.

*

Eis Amor me dá co'as azas,
Vendo-me afflicto, e choroso,
E diz-me, n'um tôm pesado,
E ao mesmo tempo ardiloso.

*

Rebelde, a tua esquivança
Foi causa deste castigo
Deves amar; e se amares,
Entrarás no meu abrigo.

ODE VIII.

Hum Sonho.

DEspois que de Baccho
Tomei os licores,
Brindando risonho
Ao Deos dos amores;

✻

No leito estofado
Me fui estender,
E veio Morpheo
Meus olhos correr.

✻

Mostrou-me este Deos,
Commigo enredada,
De Nimphas galantes;
A chusma engraçada.

✻

E eu ledo, saltando
No meio das bellas,
Em giros ligeiros
Folgava com ellas.

*

Fez ver-me huns mancebos;
Que Baccho mais bellos,
Lançando-me em rosto
Injurias, por zelos.

*

Por dar-lhes mais raiva,
As tento abraçar;
Eis tudo a meus olhos
Se perde no ar!

*

Acordo sosinho;
E em tanto abandono,
Tomei por vingança,
Tornar-me a meu sono.

ODE IX.

A Pomba.

DOnde vens amavel pomba?
Onde tão rapida vás?
Quem te enchêo dos bons perfumes
Que de ti soltando estás?

Pomba.

Bem mal podia deter-me;
Mas, porque tudo te conte,
Saberás, que os ares corto,
Ao mando d'Anacreonte.

*

Sua sou: e fui-lhe dada,
Pela bella mái d'Amor,
Em premio d'hum hymno doce,
Que elle fez em seu louvor.

*

Manda-me hoje por Bathyllo,
Rasgar esse campo etherio,
Por Bathyllo, que hoje logra
Sobre as almas livre imperio.

*

Eis as cartas que lhe envia,
De meu pescoço pendentes,
Escritas em brando metro,
Mas com suspiros ardentes.

*

Elle promette, na volta
Por-me em minha liberdade;
Eu não acceito; servillo
He mais da minha vontade.

*

Pois que proveito me vem
De andar por campos abertos,
E girar pelas montanhas,
Em vôos vagos, e incertos;

*

Tendo, nos troncos do mato,
Hum perigoso aposento,
E fazer de grãos agrestes,
O meu preciso alimento;

*

Se meu senhor carinhoso
Me dá de seu fofo pão,
Que ao bico estreito m'aplica,
Esfarelado na mão.

*

Se quando bebe da taça,
N'ella me deixa beber,
E me consente, em seus hombros,
Minhas azas estender!

*

Como, bebo, danço alegre,
Sem incommodos sentir,
E quando me aperta o somno,
Vou-lhe na Lyra dormir!

*

Que mais quero? em paz te fica;
Prosigo a minha carreira:
Tu tens-me feito fallar
Mais qu'huma gralha palreira.

ODE X.

O Cupido de Cera.

HUm certo adelo outro dia
Apregoava hum Cupido,
Feito de cera macia;
Eu que passava,
Fui perguntar-lhe,
Por quanto o dava.

*

N'huma franca linguagem,
Deixou na minha eleição
A paga da linda imagem:
E então querendo
D'ella informar-me,
Me foi dizendo.

*

Não fui dessa pessa Author;
E vendo-a porque me custa,
A ter em casa hum senhor,
Que quanto quer,
Sem mais escolha,
Hade-o fazer.

*

Pois bem, lhe disse eu; e então
M'a deu por fraca moeda,
Sem menor exhitação.
E feita a merca,
Meto-o no Seio,
Porque o não perca.

*

E digo-lhe: ó meu Cupido,
Trabalha por me trazer
Sempre este peito incendido?
Cumpre meu rogo,
Pois se o não cumpres,
Lanço-te ao fogo.

ODE XI.

A si mesmo.

AS moças louçans me dizem:
Anacreonte estás velho,
Vê as cãs, consulta as rugas,
Perante hum fiel espelho.

*

Que vale, que esteja calvo,
Ou tenha a fronte rugosa,
S'inda sinto as mesmas forças
D'huma idade vigorosa!

*

Por isso mesmo, que perto
Vejo o prazo á minha vida,
E sempre a levei contente,
Tenha o seu fim divertida.

ODE XII.

A' Andorinha.

COm que genero de pena,
Te não deveria agora
Ir castigar Justiceiro,
Andorinha palradora?

*

Cortando-te as leves azas?
Ou, sem menor piedade,
Exercendo em tua lingua
De Tereo a crueldade?

*

Porque viestes cantar-me,
Ind'antes de nado o dia,
E despertar-me do sono,
Que Bathyllo me fingia?

O DE XIII.

A si mesmo.

DIs-se, que Atys, moço Frigio,
Cheio d'estranho furor,
Nas montanhas, por Cibelle,
Soltava hum alto clamor.

*

Diz-se, que quantos bebião
Nessa fonte celebrada,
Que em Jonia fora aos Misterios
Do Loiro Deos consagrada,

*

Com valente enthusiasmo,
Transtornada a fantasia,
Vagavão, enfurecidos
Do Sacro dom da Poezia.

*

Eu então, de Bromio cheio,
De perfumes, e de flores,
C'os olhos na minha amada,
Arde em mais doces furores.

ODE XIV.

A Cupido.

NAõ posso fugir d'amar:
Cupido bem me avisava,
Mas eu, ou tonto, ou isento
De seus avisos zombava.

*

Até qu'elle resoluto,
Vendo-me andar nest'empáte,
Tomou carcaz, arco, e Settas,
E convocou-me a combate.

*

Armei-me eu, qual outro Achilles
De Lança, de escudo, e malha,
E offereci-me arrogante
Ao Deos menino, em batalha.

*

Elle Settas, sobre Settas,
Contra mim arremessou,
Até que da eburnea aljava
Todos os tiros gastou.

*

Que faz então; irritado,
Por ver-me, huma vez sujeito,
Em vez de setta, a si mesmo
Se atira contra meu peito.

*

No fundo do coração,
Me senti logo ferido:
Outro remedio não tive,
E confessei-me vencido.

*

Ninguem, com rija armadura,
Contra este Deos se precate;
Não valem armas por fóra,
Quando he por dentro o combate!

ODE XV.

De si mesmo.

A Mim não m'importa Giges,
Com toda a sua riqueza,
Não quero ouro, nem m'encanta
Dos Monarcas a Grandeza.

*

O meu gosto he perfumar-me,
Co'os aromas do Oriente,
E atar Capellas de Rosas
Em redor da minha frente.

*

Só m'importa o dia d'hoje;
Pois quem sabe o que hade vir?
Se a sórte o deixa, passemos
O tempo a beber, e a rir.

*

Quem me diz, que de repente
Hum morbo, que a vida arrasta,
Não vem dizer-me aos ouvidos,
Oh! tens bebido o que basta?

ODE XVI.

De si mesmo.

TU cantas as Guerras
D'antigos Thebanos;
Aquelle os combates
Dos fórtes Troianos.

*

Eu só, quando a Lyra
Encosto no peito,
Celebro as conquistas,
Que em mim se tem feito.

*

Não forão dragões,
Nem velas ao vento,
Que alçarão trophéos
Ao meu vencimento.

*

Foi lindo esquadrão
De vistas brilhantes,
Que solta o meu bem
Dos olhos galantes.

ODE XVII.

O Copo de prata.

TOma esta prata; abre nella
Ou paizes, ou figuras;
Armas não; cá para mim,
De que servem armaduras?

*

Eu abomino combates!
Faze-me, ó mestre profundo,
Hum copo recommendavel,
Quer por largo, quer por fundo!

*

Não esculpas nelle hum Signo,
D'aquelles, que trazem chuvas;
Lavra-lhe, em roda, huma vinha
Farta de parras, e d'uvas.

*

Exprime, ao vivo o Deos Baccho,
E o tenro inquieto Amor,
Fazendo a vendima, alegres
Com Bathylo encantador.

ODE XVIII.

Ao mesmo motivo.

MEstre d'arte, d'arte bella,
No mundo o mais afamado!
Prepara-me, desta Prata,
Hum Copo bem trabalhado.

*

Abre nelle a Primavera,
Com tua mão delicada,
Das rosas, meu doce encanto,
Airosamente toucada.

*

Grava os festejos brincões,
A' minha alma lisongeiros:
Mas nunca os nefandos cultos
Dos dous vates estrangeiros.

*

Nada de tragico; põe-lhe
Baccho as taças ministrando,
E co'pequeno Hymineo
A Deosa Venus dançando.

*

De fofa parceira á sombra,
Com roxos cachos pendentes,
Pinta os amores sem armas,
E as almas Graças contentes.

*

Não te escapem bons mancebos
Mettidos em felestria,
E entre elles o Louro Apollo,
Trasbordando de alegria.

ODE XIX.

Ao beber.

BEbe a terra quanto chove;
As plantas bebem da terra,
O Mar bebe o ar, e o Sol
Das aguas, que o mar encerra.

*

Ao mesmo Sol bebe a Lua,
Tudo bebe. E sendo assim;
Porque razão, de beber
Me quereis privar a mim?

ODE XX.

A' sua Amada.

DA Tantalo a filha,
Na idade passada,
Em penha na Frygia
Se achou transformada.

*

E Progne igualmente,
Princeza mesquinha!
Perdeo sua fórma,
Em vaga andorinha.

*

Oh! quem, n'um espelho,
Se vira mudado,
Por ser muitas vezes,
Por ti encarnado!

*

Oh! quem, n'um vestido,
Tornado se vira,
Só porque teus hombros
Galantes cobrira.

*

Oh! quem se vertêra
Em banho gostoso,
A fim de lavar-te
O corpo mimoso.

*

Quem fora pumada
Macia, e fragante,
Que untasses com ella
Teu peito galante.

*

Quem fora teu Lenço,
Ou fio da moda,
Que a bella garganta,
Te ornasse de roda.

*

Ao menos chenela
Polida, e airosa,
Aonde me traces
A planta mimosa.

ODE XXI.

De si mesmo.

RAparigas, ministrai-me
Essa taça trasbordando
Do rubro Licor de Baccho,
Pois 'stou de sede estalando

*

Trazei-me grinaldas novas,
Com que metigue este fogo;
Trazei-as viçosas, que hoje,
Mal que as ponho murchão logo.

*

Mas todo este ardor externo,
Não entr'em comparação,
Co'aquelle incendio amoroso,
Qu'encerro no coração.

ODE XXII.

A Bathyllo.

MEu lindo Bathyllo,
Comigo te assenta,
Debaixo do freixo,
Que sombras ostenta.

*

Os Zefiros brandos
As azas pulsando,
As folhas lhe agitão,
Em si murmurando!

*

Ao pé d'huma fonte
Em branda corrente,
Excita a brandura
Em todo o vivente.

*

Ah! qual passageiro,
Vendo este lugar,
Se nega, a vir nelle
O fresco tomar?

ODE XXIII.

Ao Ouro.

SE as riquezas me podessem
Os meus dias prolongar,
Poria todas as forças
Em hum thesouro ajuntar.

*

A fim de que vindo a morte,
Que todo o vivo atropella,
Dando-lhe huma grande soma,
Se fosse embora com ella.

*

Mas se remedio não temos
Para estender nossos dias,
Para qu'havemos levallos
Em lamentos, e agonias.

*

Se a morte a ninguem perdoa,
Se isto he Lei do Fado austero,
E o dinheiro a não revoga,
Para q'outro cousa o quero?

*

Eis-aqui, porque não heide
Por elle, verter suores,
Antes beber c'os amigos,
E dançar c'os meus amores.

O D E XXIV.

Ao mesmo motivo.

EM fim eu nasci mortal;
E he da sórte dos mortaes,
O fazer, sobre este mundo,
Hum breve giro, e não mais.

*

Apenas sei das passadas,
Deste tempo, que hei vivido;
O que me resta a fazer,
Tem-mo o futuro escondido.

*

Longe de mim reflexões,
Longe cuidados: em fim,
Se de nada me valeis,
Ponde-vos longe de mim.

*

E em quanto não vem a Parca,
Os meus dias suspender,
Quero folgar, quero rir,
Quero dormir, e beber.

ODE XXV.

A si mesmo.

APenas que eu bebo
De Baccho o licor,
No peito adurmeço
Angustias, e dor.

*

Porque heide meus dias
Passar em canceira,
Se eu heide acabar,
Por mais que não queira!

*

Ah! fujão-se enganos;
Façamos melhor
O tempo, bebendo
De Baccho o licor.
Pois logo que o bebo,
Com rapido effeito,
Angustias, pezares,
Me dormem no peito.

ODE XXVI.

Ao mesmo motivo.

QUando eu bebo, os meus cuidados
Dormem n'hum sono profundo;
E tenho, que ao grande Cresso
Excedo, em rico, no mundo.

*

De repente o doce canto
Me sahe da boca abrazada,
E d'heras verdes toucado,
Tenho tudo o mais em nada.

*

Vá quem quizer por seu gosto
Seguir de Mavorte a lei;
Corra á espada, ás lanças corra,
Que eu ás taças correrei.

*

Prestes, rapaz, dá-me o copo;
Minha alegria, e conforto;
Antes me vejão deitàdo,
Por borracho, que por morto.

O D E XXVII.

A Baccho.

TAnto que o sumo,
Tenho esgotado,
Que foi por Bromio
Aos homens dado.

*

Elle dissipa
Minha amargura,
Lança, em minha alma,
Riso, e doçura.

* * *

*

Elle m'ensina
Baile engraçado,
Sem que o enoje
Ver-me toldado.

*

Venus plausivel
Vem-me encantar,
E tremulo, e ebrio
Entro a bailar.

ODE XXVIII.

A' sua Amada.

Ella perito pintor,
Pintor decantado em Rhodes!
Que desta Arte peregrina
O Rei acclamar-te podes.

*

Pinta-me a minha adorada,
E posto qu' esteja ausente,
Eu vou descrevendo ao vivo,
Pois sempre a tenho presente.

*

Primeiramente, os cabellos
Lhe traça longos, e finos;
E se o pincel o permitte,
Cheirem a aromas divinos.

*

Abaixo destas madeixas,
Quaes minha alma t'as descreve,
Lança huma fronte tão alva,
Como a brancura da neve.

*

Deves suas sobrancelhas
Com tal cautela pintar,
Que chegadas, seja em modo,
Que deixem de se tocar.

*

Deixa em meio hum breve espaço,
Qual hum ponto, hum quasi nada;
E faze as suas pestanas,
D'huma côr azevichada.

*

Seus olhos de vivo fogo,
E azues, quaes Minerva os tem,
D'huma molleza expressiva,
Igual de Cupido a Mãi.

*

Compõe, pintor peregrino,
As suas faces mimosas,
D'huma mistura de leite,
Mas amassado com rosas.

*

Quaes rubins, e persuasivos
Deves seus labios fazer,
Que deixem o mundo inteiro,
Por seus beijos a morrer.

*

Pasmadas neste composto,
Qu'eu t'informo, e vais pintando,
Descreve-lhe as graças meigas,
Já descendo, já trepando.

*

Veste-a de purpura, e deixa
Alguma parte ficar,
De seu bom corpo, despida,
Para do mais se julgar.

*

Mais não careço dizer-te:
Ao meu bem a copia iguala,
Não só me parece vê-la,
Parece-me até que falla!

ODE XXIX.

A Bathyllo.

O Delicado Pintor,
Tu rival da natureza!
Pinta, segundo t'informo,
Do meu Bathyllo a belleza.

*

Pinta-lhe os longos cabellos,
Como de balsamo untados,
Luzentes por entre negros,
E de côr d'ouro mesclados.

*

Deixa-os cahidos em bugres,
Por huma, e por outra parte,
Sem estudo, sem alinho,
Sem concerto algum, sem arte.

*

Faze as suas sobrancelhas,
D'hum escuro relevante,
E que á frente, côr dos lyrios,
Seja o limite galante.

*

Os olhos, pinta-lhos negros,
Entre fereza, e doçura,
Que mostrem de Marte as iras,
E de Venus a ternura.

*

Vê se consegues que tenhão
Com ambos tal semelhança,
Que nelles descubra a hum tempo
Sustos, por entre esperança.

*

Pinta-lhe as faces vermelhas,
Mas do vermelho das rosas;
Cheias de hum pello mimoso,
Qual o das fructas viçosas.

*

Apura, quanto se poder,
Entre esta galante côr,
Hum certo fogo, que nasce
De repentino pudor.

*

A boca, não sei dizer-te,
De que maneira se faça;
Mas em geral, nella abunde
Doce expressão, viva graça.

✱

Ou porque tudo te diga,
N'huma palavra sómente,
Precisa que este retrato,
Tenha o silencio eloquente.

✱

Faze-lhe o rosto comprido;
E imita, Pintor perfeito,
Na sua garganta, Adonis;
Mercurio nas mãos, e peito.

✱

Mas tu sempre tens hũa arte,
Que atraiçoa o nosso gosto!
Porque lhe vestes seus hombros,
O mimo deste composto?

✱

Da belleza de seus pés,
Para que te hei de informar,
Se temos aqui modelo,
Que te possa governar.

✱

Por esta estatua d'Apollo,
Pinta aqui Bathyllo bello;
Se Apollo em Samos pintares,
Tens em Bathyllo o modelo.

ODE XXX.

Do Amor.

COm festões de frescas flores,
As Musas Amor prendêrão,
E acautelando-lhe a fuga,
Em guarda á belleza o derão.

*

A livrallo, affadigada
A linda Venus correo;
E c huma soma avultada,
O seu resgate emprehendeo.

*

Mas inda qu'ella consiga
A ventura de o remir,
Talvez, que d'alli não saia,
Já costumado a servir.

ODE XXXI.

A si mesmo.

DEixai-me a meu gosto,
Deixai-me beber,
Eu quero em furores
Minha alma accender.

*

D'Euriphile o filho,
E Orestes raivoso
Sentirão, por crimes,
Furor espantoso.

*

Eu sem os remorsos
De ser matricida,
Vou ser furioso
Com muita bebida.

*

O bravo Thebano,
Co'a flecha de Ephyto,
Ajunta em furores
Delicto a delicto.

*

Hum Ajax insano
Com seu grande escudo,
E a espada d'Heitor
Investe com tudo.

*

Co'a taça na mão
Croado de flores,
Sem lança, ou espada,
Me entrego a furores.

ODE XXXII.

A's suas Amadas.

SE podes contar as folhas
Do bosque, e areas do mar,
Só assim fio que possas
Minhas Amadas contar.

*

Põe trinta e cinco d'Atenas,
De Corintho hum regimento,
Qu'esta Cidade d'Achaia
Tem moças, que são portento!

✱

Da celebre Ilha de Lesbos,
De Cária, de Jonia, e Rhodes,
Sem fazer contas por alto,
Duas mil contar bem podes.

✱

Pergunta-me se amei tantas?
Que não dirás, se contares
As do Egypto, Syria, e Creta,
Onde Amor tem seus altares!

✱

Que mais queres, que te diga?
Não contas, n'huma semana,
Os meus amores da India,
De Cadix, e Bactriana.

ODE XXXIII.

A' Andorinha.

TU vens, andorinha amavel,
O teu ninho fabricar,
Apenas vês as campinas
De brancas flores bordar.

*

Mas logo que a terra cobrem
Os gelos, em larga copia,
Vais habitar os rochedos
De Memphys, ou de Ethiopia.

*

Amor tem sempre seu ninho
Dentro do meu coração;
E reciprocas succedem
Huma á outra creação.

*

Quando huns amores se vêm
De tenras pennas ornando,
Já outros novos amores
Se estão no peito chocando.

*

Alguns ha meios tirados;
Outros co'a casca rachada,
E co'as boquinhas abertas
Fazem contínua piada.

*

Aos qu' inda são pequeninos,
Dáo de comer os maiores,
E a seu tempo competente
Produzem novos amores.

*

Ai de mim! que hei de fazer?
Táo fecunda producção
Nem cabe na minha lingua,
Nem cabe em meu coração.

ODE XXXIV.

A huma Rapariga.

DE mim náo fujas,
Belleza ingrata,
Por ver-me as tranças
Da côr da prata.

*

Nem porque vences
Em côr á rosa,
Sejas comigo
Táo desdenhosa

*

Olha que bella,
Linda mistura
Faz entre as rosas
Do lirio a alvura!

ODE XXXV.

A Europa, e Jupiter.

O Touro, que nesse quadro
As ondas vemos cortando,
Elle sem dúvida he Jove,
Pelo que estou combinando.

*

Elle sobre as costas leva
Huma Sydonia galante,
E co'as unhas corta as aguas
Do fundo mar espumante.

*

Nenhum touro tresmalhado
Da manada, em que pascava,
Fazia tal! Elle he Jove;
Outro as ondas não rasgava.

ODE XXXVI.

Sobre os prazeres da vida.

Porque me ensinas preceitos,
D'hum Rhetorico facundo?
De que aproveitão lições
Desnecessarias no mundo?

*

Antes m' ensina a beber
A taça de vinho chêa;
Ensina-me os jogos melgos,
Da galante Cytherêa.

*

Já estas cans são os louros
Da frente rugosa, e velha;
Dá-me agua, ó mancebo, e mescla-a
Co' vinho dessa botelha.

*

Adormece-me os sentidos,
Pois muito cedo, a meu ver,
Irei á terra, onde os mortos
Nada tem que appetecer.

ODE XXXVII.

A' Primavera.

TU não vês como em chegando
A primavera, contentes
De rubras rosas enfeitão
As graças o peito, e as frentes?

*

Não vês como a furia acalmão
As ondas murmuradoras?
Não vês como alegres voltão
As aves mergulhadoras?

*

Vê como o Sol resplandece,
E as tempestades se vão;
Vê como aos olhos são gratas
As fadigas do villão?

*

Pare a terra as verdes hervas;
A Oliveira cobra a côr;
Corta-se a vide, e no golpe
Baccho expurga o velho humor.

*

Por entre as folhas nascentes
Do tronco grosseiro, e bruto
Esperanças vem brotando
De rico abundante fruto.

ODE XXXVIII.

De si mesmo.

EU bem sei, que já sou velho;
Mas, os copos empinando,
Vejo desbanço os rapazes,
Quer bebendo, quer dançando.

*

A hum odre, em vez de bordão
M'arrimo; e até esta idade,
De m'encostar a huma cana
Não tive necessidade.

*

Quem deseja batalhar;
Batalhe quanto quizer:
O' lá rapaz, traze vinho,
Dêsse mais doce qu'houver.

*

A conta da minha idade
He avultada, bem sei;
Mas como velho, nas danças
A Syleno imitarei.

ODE XXXIX.

A si mesmo.

Mal qu'eu bebo o doce vinho,
De repente as minhas penas
Fogem do peito, e contente
Celebro as nove camenas.

*

Mal qu'eu bebo o doce vinho,
De repente os meus pezares,
E as reflexões enfadonhas,
Rapidas vão pelos ares.

*

Mal qu'eu bebo o doce vinho,
Baccho, em jogos engraçados,
Me transporta alegre, e ebrio
Aos Orizontes rosados.

*

Mal qu' eu bebo o doce vinho,
E cinjo a crôa, que fiz,
De flores mil variada,
Celebro a vida feliz.

*

Mal qu' eu bebo o doce vinho,
D' aroma fragrante ungido,
A' minha amada abraçado,
Decanto a Mái de Cupido.

*

Mal qu' eu bebo o doce vinho,
E faço o esp'rito nadar
Em grandes copos, então
As Orgias vou celebrar.

*

Mal qu' eu bebo o doce vinho,
Tenho este ganho subido,
Que a Parca, que leva tudo,
Não leva o que está bebido.

ODE XL.

A Cupido.

ENtre rosas, que apanhava,
O mal fazejo Cupido,
Não vio huma loura abelha,
E foi por ella mordido.

*

Mal que picado se vio,
Na tenra mão, entre dor,
Começou de levantar
Hum magoado clamor.

*

Já correndo, e já voando
A candida Mái buscou;
Ai morri, morri, dizia,
Ai Mãi, teu filho espirou.

*

Olha bem; mordeo-me aquí
Pequena, alada serpente,
A que dá de abelha o nome,
Do campo a enganada gente.

*

Ella vendo, disse: O' filho;
Se isto tanta dor te faz,
Que soffreráõ os que provão
Os golpes, que tu lhes dás?

ODE XLI.

Aos banquetes.

A Baccho demos louvores,
Seu licor bebendo em tanto;
Author dos coros, amigo
Dos bailes, e doce canto.

Elle co' Amor
Terno se avém;
Elle nos torna
Mais viva a Mái.

*

Elle he o deos dos banquetes,
Donde á alegria se passa;
Elle deo ser, entre os copos,
A huma, e á outra Graça.

Por elle a dor
Triste s'acalma;
Por elle a angustia
Nos morre n'alma.

*

Logo qu'a taça me trazem
Os serventes engraçados,
Sobre as rajadas dos ventos
Rapidos vão meus cuidados.

Eia bebamos,
E de repente
Nos fuja tudo,
Quanto he pungente.

*

Que te aproveit' essa vida,
Que pouco a pouco consumes,
Macerar com reflexões,
E amargurados queixumes?

Quem sabe as cousas
Lá do futuro?
A vida he cáos
Em tudo escuro.

*

A mim sómente m'agrada,
Depois da taça esgotar,
E perfumar-me de aromas,
Ir as chorêas tançar.

E a par da linda,
Formosa Isbella,
Em leves gyros,
Dançar com ella.

*

Todos esses, que desejão
As penas que eu lanço fóra;
Os sequazes da tristeza,
Vivão tristes muito embora.

Cantemos Baccho,
Bebendo em tanto,
Baccho, inventor
Da dança, e canto.

ODE XLII.

De si mesmo.

DÃo á minha alma
Gosto excessivo,
De Baccho as danças,
Meigo, e festivo.

*

Co'a mocidade,
Qu' amor respira,
Gosto, em bebendo,
Cantar á lyra.

*

E mais me encanta,
Cingir capellas,
E entrar em jogos
Co'as Nymphas bellas.

*

Minh'alma ignora
Inda o que seja,
Maligno influxo
De negra inveja.

*

Eu fujo aos golpes,
Duros, traidores
Da aguda lingua
Dos mofadores.

*

Detesto as mofas,
E a solta grita,
Que nos banquetes
O Bromio excita.

*

Amo o descanço;
Apraz-me á lyra
Dançar co'a bella,
Qu' amor m' inspira.

ODE XLIII.

A' Cigarra.

QUanto Cigarra és ditosa!
Bebendo frescos orvalhos,
Cantas, qual huma Rainha,
Sobre os crutos dos carvalhos,

*

Tudo, quánto se descobre,
Que produza o bosqu'ameno,
He teu; he teu quanto cria
O vasto pingue terreno.

*

Tem por ti os lavradores
Amizade verdadeira,
Pois tu, jámais, lhe fizeste
Damno algum á sementeira.

*

O' Cigarra venturosa!
Todo o mundo te venera,
Como alegre profetiza
Da volta da Primavera.

*

Amão-te as filhas d'Apollo;
O mesmo Apollo te adora;
Elle, por ti decedido,
Te deo essa voz sonora.

*

Filha festiva da terra!
Nem co'tempo t'envelheces,
Nem, doce amiga do canto,
Dores, ou males padeces.

*

Em ti não circula sangue;
Não és de carne formada;
Da natureza dos Deoses
Deferes ou pouco, ou nada.

ODE XLIV.

A hum sonho.

SOnhei outro dia
Qu' andava gyrando,
As azas, nascidas
Nos hombros, pulsando.

*

Qu' Amor me seguia,
E tendo ligado
Hum pezo a seus pés,
Fui delle apanhado.

*

Que posso inferir,
Que diga este sonho?
Não he outra cousa,
Segundo supponho,

*

Senão, que d' Amor
Fugindo aos grilhões,
Jámais o farei
Das novas prizões.

ODE XLV.

A's settas d'amor.

NAs vastas furnas de Lemmos
Em rija safra, Vulcano
Batia as settas, qu' atira
De seu arco o moço insano.

*

Venus meiga as temperava
N'hum vaso de louro mel;
O duro filho as untava,
Ao depois, de amargo fel.

*

Eis de hum combate vaidoso,
Entrou na furna o Deos Marte
Pezada lança na mão,
A espada no talabarte.

*

Olha ao través sobre as settas,
Mostrando hum ar de desprezo,
Desdenha do seu tamanho,
E mofa do pouco pezo.

*

Amor, tomando huma dellas,
Com sua pequena mão,
Lhe disse: Pega-lha Marte,
Observa se peza, ou não.

*

Ao ir tomalla, surrio-se
A galante Mãi d'Amor;
Pegando-lhe deo suspiros
Hum Marte, e mudou de côr.

*

Toma-a, disse: he bem verdade;
Não só peza, he fogo ardente:
Guarda-a lá, lhe torna Amor,
Della te faço presente.

ODE XLVI.

Ao poder do Ouro.

O Não amar he disgraça;
Amar, disgraç' he tambem!
Mas a maior he amar
Nymphas, que amor nos não tem.

*

Sangue, Virtude, Saber,
Talhe airoso, e gentileza,
São pequenos atractivos
Aos olhos d'huma Belleza.

*

Ouro sómente lhe arranca,
Do peito amorosos ais;
Ouro faz ditoso o amante,
Não virtudes pessoaes.

*

Maldito aquelle primeiro,
Que rasgando a terra dura,
Fez sahir este inimigo,
A ver do Sol a luz pura.

*

Por elle, que tanto cega,
Com refulgente clarão,
Atraiçoa ao Pai seu filho,
Hum Irmão ao outro irmão!

*

Com elle ao mundo vierão
Heroes, de havello sedentos,
Por entre sangue esparzido,
Por entre roubos violentos.

*

Por elle, maldito seja!
Vê o mundo, a cada instante,
Comprar hum rico rival,
O premio d'hum terno amante.

ODE XLVII.

A' velhice alegre.

ENcanta-me ver hum velho,
Que nunca foi rabugento,
Que s' alegra, e se mistura
Dos moços no ajuntamento.

Com elles, d'invólta
Bebendo, e folgando,
Em doces prazeres
Seus dias findando.

✱

Hum velho destes confúnde
A ardente, co'a fria idade!
Em que differe este gelo
Das brazas da mocidade?

Se bebe, se ri,
Se jóga, se dança,
Só acho que hé velho,
Na alvura da trança.

ODE XLVIII.

Em banquete com os amigos.

TRazei-me a lyra
Do grande Homéro,
Qu'em lauta mesa,
Tangella quéro.

✻

Tirai-lhe a corda
De som pezado,
Que as lutas canta
De Marte irado.

✻

Com doce Bromio,
Que me transporte,
Trazei-me os copos
Da minha sorte.

✻

Eu os misturo;
Dai-me os bilhetes:
Hei de ser hoje
Rei dos banquetes.

✻

Resta, em furores,
Que Baccho inspira,
Cantar seus Hymnos
Ao som da lyra.

✻

Cante-se a gloria
Desta Deidade;
Solte-se o canto
Com liberdade.

ODE XLIX.

A' cerca de Bacho.

OUve, Pintor affamado,
Os meus lyricos acentos;
Move no quadro o pincel,
Conforme a meus pensamentos.

*

Pinta-me o Deos das vindimas
Sobre o carro magestoso,
Em que, nas margens do Ganges,
Os tigres jugou vaidoso.

*

Os Satyros pinta em roda,
E as Bacchantes, gente loúca,
Dançando, e hum ebrio tangendo,
Com duas flautas na boca.

*

Pinta as Cidades festivas,
Este Numen celebrando,
Em pompa, fausto, e applauso
Por suas ruas levando.

*

E se o pincel o permitte,
Se tanto podem as cores,
Exprime ao vivo essas leis,
Que guardão os bebedores.

ODE L.

Ao Deos Bacchо.

ESte Deos, que fortalece
A mocidad' entre as taças,
Qu' ensina os jogos, e as danças,
Dá saude, e inspira as graças.

*

A nós torna, e vem com elle
Aquelle rouxo licor,
Qu' infunde n' alma alegria,
E do peito espanca a dor.

*

He este o sumo da vide,
Qu' inda não bem sasonado
No cacho, á sombra das parras,
Está do tempo guardado.

*

Mas logo qu'o ferro o corte,
E o calque o pé rigoroso,
Sahirá, e em larga cuba
Se cozerá generoso.

*

Então no copo espumando,
Ao cheiro, e gosto agradavel,
A nossos cançados corpos
Dará hum vigor saudavel.

*

O corpo, e 'sprito sadío
Nos trará licor tão puro,
Até que benigno venha
Ver-nos no Outono futuro.

ODE LI.

A Venus nadando.

QUal foi o pincel divino,
E qual a mão d'invejar,
Que tão proprios pôde os mares
Nesta bandeja pintar?

*

Que os póde exprimir ao vivo,
De si mesmo entumescendo,
E em rolos de branca espuma
Sobre as arêas correndo?

*

Só com viva fantasia
Por alto Numen inflamada,
Pintava, como pintou,
Venus aos mares lançada!

*

Despido aos olhos nos deixa
Seu lindo corpo nevado;
Mas quanto a modestia vóda,
As ondas nos tem vedado!

*

O cristal do mar ondoso
D'huma em outra parte errando,
Corta c'os braços nevados,
E o vai c'o peito arrostando.

*

As espaldas, que apparecem,
E o collo, ao cimo do mar,
Brilhão, como entre as violas,
Vemos os lirios brilhar.

*

Com qu'arte pôz a mão destra
Cupido, e seus servidores,
Brincando em torno da Deosa,
Sobre delfins nadadores!

*

Do fundo pego attrahidos
Sobem das aguas ao lume,
Por vê-la os Tritões, e os peixes,
Em rebanhado cardume!

*

Por entre o cristal das ondas
As lindas costas alvejão;
Peixes, Tritões, e Golfinhos
Em roda a sombra lhe beijão.

ODE LII.

A' Vindima.

QUanto he doce ver n' Outono
Pelas vinhas misturados,
Moças louçans, e mancebos,
Na vindima affadigados.

*

Huns enchem fundos cabazes
Dos cachos, qu' alegres cortão;
Outros em chusma, e folguedo
Aos lagares os transportão.

*

Ahi alternando as plantas,
Fazem do bago esmagado
Sahir, em fervida espuma,
O doce mosto rosado.

*

Em altos risos, e em grita,
Recitão facessias Rimas
Ao velho Syleno, e a Baccho,
Presidentes das vindimas.

*

Que alegria os não transporta,
Quando, chegando a sazão,
O sentem dentro das cubas
Estar fervendo em cachão!

*

Tu, ó tempo accelerado,
Parece tardo lhe passas,
Thé ao tempo de cozido
Erguer espuma nas taças!

*

He então, qu'em risos doces
Vêm, de gosto repassados,
O cumprimento das preces
No fructo de seus cuidados.

*

Então se bebe, e com elle
Esforçado o velho dança,
E ao tremulo pé imita
Nas costas a nivea trança.

*

Vê-se logo, em fogo aceso,
O mocetão bebedor
Passar do lume de Baccho,
A's lavaredas d'Amor.

*

Eis atrevido se posta
Junto da bella, que adora;
Elle em franqueza lhe falla,
Ella de pejo se córa.

*

Amor se ri das finezas,
Ditas em tal liberdade;
Baccho promove as desculpas
Do vinho, e da mocidade.

*

Estes dous fogos ao peito
Dão calor, e valentia;
Então explica, e faz quanto,
Nem fizera, nem diria.

*

Eis-aqui, como este sumo,
Do roxo cacho tirado,
A's vezes o amante sério
Torna amante confiado.

ODE LIII.

A's Rosas.

CAntemos a Primavera
De lindas flores croada;
Dêmos louvores á rosa,
Ao som da lyra affinada.

*

Eu sou pouco: dá-me auxilio
Das Musas amigo, e meu;
Cante-se a flor, que prezárão
Os Numes da terra, e Ceo.

*

A rosa, he prefum' aos Deoses,
He dos homens o prazer;
As graças, surrindo, a colhem,
E vão das tranças prender.

*

Faz as delicias de Venus
Pela Estação dos Amores;
As lyras de toda a idade
Repetirão seus louvores.

Amigo.

He o desvelo das Nymphas,
E as Pierides sagradas,
Sem medo aos bicos, a colhem
Com suas máos delicadas.

Anacreonte.

A rosa faz, pelo estalo
De suas folhas galantes,
Que julguemos dos successos
Ou bons, ou máos dos amantes.

Amigo.

A rosa ou seja na planta,
Ou em fartos ramalhetes,
Faz os prazeres do campo,
Faz a graça dos banquetes.

Anacr.

Que póde ser bom sem rosas,
Se n'expressão dos cantores
Forão sempre o mimo, e enfeite
Das graças, e dos Amores?

*

A rouxa Aurora de rosas
Os seus lindos dedos tem,
As Nymphas os tenros braços,
E o rosto d'Amor a Mãi.

Amigo.

A Medicina sem rosas,
Tyranna falta sentíra,
Donde o balsamo encontrára,
Que das suas folhas tira!

*

Ellã dá fragancia aos corpos,
Ao tempo resiste, e a rosa
Tem já secca o bello cheiro,
Que tinha quando viçosa.

Anacr.

De sua origem tratemos;
Mal que vio nascer o mar
Venus de suas espumas,
E suas ondas cruzar,

\ *

Quando da fronte de Jove
Pallas guerreira sahio,
Então a terra gostosa
Esta planta produzio.

Amigo.

Todos os Deoses do Olympo
O seu nascimento honrárão,
E do Nectar precioso,
Suas folhas borrifárão.

*

Ao mesmo instante, das folhas
Se vio rebentar vaidosa,
De mil espinhos guardada,
Dos Deoses a flor mimosa.

ODE LIV.

De si mesmo.

A Vista do bello rancho
De mancebos, e donzellas,
De velho me torno moço,
E folgo em dançar com ellas.

*

Faze-te moço tambem;
Imita-me caro amigo;
Dá-me capellas de rosas,
Move as plantas, vem commigo.

*

Pois que de mim s'alongou
O pezo da longa idade,
E em rapaz me transformei,
Vou dançar co'a mocidade.

*

Trazei-me de pressa a taça;
Esse licor generoso,
Ao velho em moço tornado,
Tornará mais vigoroso.

*

Veja-se hum velho que folga;
Que bebe sem ser pedido;
Desinquieto brincando,
Sem fazer-se aborrecido.

ODE LV.

Sobre os Amantes.

OS cavallos se distinguem,
Nas suas raças diffrentes,
Pelos signaes, que na espadoa
Lhe imprimem ferros ardentes.

*

Distinguem-se na campanha
De Marte as gentes guerreiras,
Humas nas cores dos elmos,
Outras nas suas bandeiras.

*

Tem os Amantes tambem
Nos olhos certos signaes,
Que se intentão disfarçar-se,
Então se descobrem mais.

FIM.

boo
the Library on or before
stamped below.
A fine of five cents a day is inc
by retaining it beyond the spe
time.
Please return promptly.